

1 - INTRODUÇÃO

Compor a introdução para este trabalho de conclusão de curso é recompor uma parte essencial para o desenvolvimento e aprendizagem de qualquer pessoa: a educação e o desenho.

No contexto de sala de aula, é possível vivenciar algumas situações que para qualquer educador consciente da importância do desenho livre torna-se “covardia”, ao ver professores mimeografando desenhos prontos para serem coloridos e “passar o tempo” em sala de aula; ou professores em tempos de avaliação ou exposição “retocando” os trabalhos livres para que eles ficassem mais bonitos e, assim sendo, mais compreensível aos olhos de quem o veria.

O desenho infantil tem sido objeto de estudos de psicólogos, psiquiatras, sociólogos, arquitetos e, claro, educadores, e o que une na maioria das vezes esses diversos especialistas é o fato da representação gráfica ser considerada um meio para a compreensão e acompanhamento do desenvolvimento da criança.

A partir do desenho da criança podemos obter informações acerca de seu desenvolvimento e levantar questionamentos acerca dos aspectos afetivos-emocionais, intelectuais, físico e cognitivo que ela apresenta. Segundo Lowenfeld (OLIVEIRA, 2009), a expressão gráfica é uma manifestação da totalidade cognitiva e afetiva. “Quanto mais a criança confia em si e no meio, mais ela se arrisca a criar e a se envolver com o que faz” (OLIVEIRA, 2009 p. 41).

Podemos tomar então como ponto de partida para compreender e analisar a concepção de desenhos dos educadores atual a rejeição aos desenhos “prontos” dados as crianças para somente colorir, visando nenhum procedimento pedagógico e muito menos a criatividade da criança. Será que hoje, em nossas salas de aula isso acontece? Será que os professores manifestam interesse no desenho livre da criança?

O desenho, como representação gráfica é uma das formas essenciais ao pensamento humano e para Piaget (2007, p. 61) é uma forma de função semiótica que se percorre entre o jogo simbólico, onde insere imagens mentais, com a qual partilha a imitação do real. Deste modo, compreende-se que, o desenvolvimento do desenho

infantil se faz paralelamente aos desenvolvimentos cognitivos, mental e psicológico da criança.

Para apresentação dos resultados da pesquisa organizamos esta monografia em duas partes: a primeira que se refere ao referencial teórico revisado na pesquisa; e a segunda, à apresentação e discussão dos dados coletados neste estudo. No primeiro capítulo apresentamos uma discussão sobre o desenho infantil a partir das concepções de alguns autores que julgamos essencial para a pesquisa, tais como, Lowenfeld-Brattain (1977), Mèredieu (1974), Luquet (1969), Piaget e Inhelder (1988-2007), Di Leo (1985), Pillar (1996), entre outros. Neste capítulo também apresentamos as etapas das garatujas definidas por Lowenfeld (1977), bem como a relação do desenho infantil com o processo de ensino-aprendizagem da criança e como são definidas essas orientações de trabalhos nas diretrizes curriculares. Na segunda parte da monografia apresentamos a Metodologia da Pesquisa e na terceira parte apresentamos os Resultados e Discussões sobre a mesma.

2 - O DESENHO INFANTIL

Neste capítulo, realizamos uma breve contextualização acerca dos aspectos históricos e teóricos sobre o desenho infantil. Não há a pretensão de uma análise completa dos enfoques aqui abordados, mas sim tecer uma apresentação inicial dos principais trabalhos dentro do campo científico que abordam o desenho como uma importante ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido fez-se necessário um mapeamento das pesquisas nacionais sobre a temática, a partir de uma busca no banco de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), como também no banco de periódicos do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) e artigos do SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

Os estudos acerca do desenho infantil tiveram sua origem no “século XX” (MÉREDIEU, 1974, p.73) e possuíam como características principais a apresentação de fases e etapas do desenvolvimento do grafismo, apresentado por Lowenfeld e Brittain (1977). O estudo de Lowenfeld e Brittain em seu desenvolvimento caminhou pelas “vias de representação da realidade” descrita na obra de Luquet (1969).

Guimarães (1995) nos chama a atenção que no início do século XX pouco sabíamos a respeito do processo intelectual das crianças. Pesquisas como as de Jean Piaget contribuíram para o alargamento dos estudos sobre as crianças, fato que ampliou o interesse pela produção de desenhos infantis, incluindo a escola. O desenvolvimento gráfico do desenho infantil começou, então, a receber ênfase nas pesquisas e foi introduzido no tratamento psicanalítico.

De acordo com Derdyk (1989) desenhar é uma atividade cotidiana realizada por crianças provenientes de qualquer cultura. Há no desenho uma identificação da criança com sua própria produção, algo intenso e envolvente que domina seu tempo e transpõe realidades ainda não imaginadas.

Podemos afirmar, segundo a autora, que a representação de pensamentos e sentimentos por meio de desenhos é uma das formas mais antigas de comunicação do ser humano. O homem primitivo deixava sua marca em desenhos nas cavernas, registrando sua história e os acontecimentos de seu povo para os seus descendentes. Da mesma forma, no decorrer do desenvolvimento infantil, encontramos o desenho como uma das primeiras formas de expressão pessoal, antes mesmo de a criança dominar a leitura e a escrita.

O desenho é considerado por Derdyk (ibid), o meio pelo qual a criança manifesta sua expressão e visão de mundo, constituindo-se assim como uma linguagem própria e de identidade artística. Esta atividade é constituída por fases, conforme o nível de desenvolvimento infantil, variável em cada criança. Essa variabilidade depende dos estados de ânimo e do exercício da atividade imaginária e livre da criança em que a criança procura representar o que conhece e entende sobre o mundo, sobre si e sobre o outro.

Luquet (1969, p.37) afirma que:

O desenho, uma vez executado ou em plena execução, recebe do seu autor uma interpretação, a intenção era apenas o prolongamento de uma idéia que a criança tinha no espírito no momento de começar o traçado; do mesmo modo a interpretação deve-se a uma idéia que tem no espírito enquanto executa o traçado, ao qual dá o nome.

Para o autor, o desenho é uma atividade que responde à necessidade humana de representar algo ou alguma coisa, como se o indivíduo dissesse ao mundo o que se pensa e o que se é. Considerando a importância desta linguagem gráfica passamos a apresentar algumas concepções sobre o desenho que estudiosos e pesquisadores construíram ao longo de seus estudos e experiências. Acreditamos que essa revisão favorece uma reflexão que permite trazer aos nossos olhares o quão importante é pensar e trabalhar o desenho no período de aprendizagem escolar.

Em primeiro momento, apresentamos a definição da palavra desenho, extraída de um Dicionário da Língua Portuguesa, que serve como ponto de partida para uma concepção mais ampla do que seja o desenho nas considerações que se pretende serem expostas neste trabalho.

Desenho é a representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico; a arte e a técnica de representar com lápis, pincel, pena, etc. um tema real ou imaginário, expressando a forma e geralmente abandonando a cor; traçado, risco, projeto plano, forma, feitiço, configuração (OLINTO, 2002, p.160).

Para Moreira (1993), “desenho é o traço no papel ou em qualquer superfície, mas também a maneira como a criança concebe o seu espaço de jogo com os materiais de que dispõe” Para a autora, em seu livro *O espaço do desenho: a educação do educado*, o desenho é uma possibilidade de conhecer a criança a partir de uma outra

linguagem, o ato de desenhar não é visto apenas como possibilidade de se conhecer, recuperar a essência natural da criança. Contudo, isso é possível somente quando os professores se percebem como pessoas capazes de viver o estranhamento o descobrir nele mesmo o prazer da criação pessoal e do outro.

Entende-se por desenho o traço que a criança faz no papel ou em qualquer superfície, e também a maneira como a criança concebe seu espaço de jogo com materiais de que dispõe, ou seja, a maneira como organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha, tornando-se uma possibilidade de conhecer a criança através de uma outra linguagem: o desenho de seu espaço lúdico. (MOREIRA, 1993, p.16).

Para ilustrar sua posição em relação ao desenho infantil, Moreira (1993, p.15) cita a fala de uma criança: “Desenhar é bom para tirar as idéias da cabeça. Porque sempre que a gente tem uma idéia, a gente quer ter ela, brincar com ela, aí a gente desenha ela”.

Acompanhando as etapas do desenvolvimento do desenho, a partir das etapas descritas por Piaget (s.d. apud. MOREIRA, 1993, p.27), a autora descreve o processo de formação da função simbólica no ser humano. Esse processo se inicia com o jogo de exercício do bebê, caracterizado pela repetição de uma ação pelo prazer que ela proporciona. Ao final de seu primeiro ano de vida, em um primeiro momento, a criança produz as chamadas garatujas. As garatujas são consideradas muito mais movimentos do indivíduo do que representações simbólicas, pois a criança faz marcas no papel ou outra superfície, pelo simples prazer que sente ao constatar os efeitos visuais que essa ação produz, sem a intenção de representar.

Em um segundo momento, a criança começa a interpretar suas marcas gráficas e por meio do desenho faz surgir os primeiros símbolos. Para Moreira (1993, p. 32), a garatuja assume, assim, um novo aspecto. Começa a adquirir o caráter de jogo simbólico. A criança desenha então para dizer algo, para contar de si mesma, para fazer de conta. É o início do desenho como representação propriamente dita, considerada sua função essencial no desenvolvimento humano, tanto da criança quanto do adulto.

De acordo com Mèredieu (1974), para ser compreendido, o desenho precisa ser lido como totalidade, pois é a expressão de um desejo da criança. A autora complementa afirmando que “desenho é objeto de interpretação, pois o quê importa não é mais o

grafismo propriamente dito, mas o quê ele designa, o sentido que remete” (ANDRADE, 2005 apud MÈREDIEU, 1974, p. 62).

Pillar (1996) entende por desenho “o trabalho gráfico da criança que não é resultado de uma cópia, mas da construção e da interpretação do objeto pelo sujeito”. Compreende-se deste modo que, a ideia conceitual sobre o desenho é algo muito maior do que uma simples definição. Revela-se uma amplitude de sentidos, cujo valor é encontrado na criação espontânea da criança.

2.1. As garatujas no processo de ensino-aprendizagem

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1977), o desenho começa pelo rabisco, gesto essencialmente motor. São exercícios involuntários, em que a criança faz movimentos desordenados, pelo prazer de rabiscar. Este é o período das garatujas¹.

O ato de garatujar é essencial para todo o progresso gráfico que pode permitir à criança um progresso contínuo em relação ao desenho. É nesses “rabiscos” que estão inseridas a originalidade e a criatividade de cada ser. E para que isso ocorra de forma à progressão da garatuja, a presença do adulto se torna muito importante.

No período da garatuja, o adulto deve proceder às observações das produções infantis, encorajando e valorizando cada traço, sendo ele compreensível ou não. Segundo os autores, os estímulos recebidos nessa fase podem determinar a continuidade dos rabiscos e desta forma promover os avanços dos grafismos e do desenho. Os autores ainda afirmam que:

A forma como essas primeiras garatujas forem recebidas pode ter enorme importância em seu contínuo crescimento. É lamentável que a própria palavra “garatuja” tenha conotação negativa para os adultos. Esse vocábulo pode sugerir uma perda de tempo, ou então, ausência e conteúdo válido. Na realidade a garatuja pode ser exatamente o oposto de tudo isso, pois o modo como se recebem esses primeiros rabiscos e a atenção que lhes preste podem ser a causa de a criança pequena desenvolver atitudes que permanecerão nela, quando iniciar sua escolaridade formal. (LOWENFELD-BRITTAİN, 1977, p.177)

1

O termo “garatuja” foi utilizado por Viktor Lowenfeld para nomear os rabiscos produzidos pelas crianças na fase inicial de seus grafismos (LOWENFELD e BRITTAİN, 1977).

Em seu livro *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*, os autores discutem e defendem sob uma série de argumentos a preservação da espontaneidade e livre expressão da criança na produção do desenho. Para os autores, a arte é abordada como um meio de compreender o desenvolvimento individual em suas diferentes fases do desenvolvimento, tendo em vista o desenvolvimento criador de cada indivíduo. Definem as seguintes fases do processo de desenvolvimento do desenho da criança:

- *Garatuja*: dos dois aos quatro anos, a criança começa a desenhar fazendo rabiscos desordenados, ou também chamada de garatuja desordenada (FIGURA 1) que vão se ordenando pouco a pouco. Apresentando aparentemente muita satisfação e prazer em fazê-lo, aparecem aí as garatuja controladas (FIGURA 2). As garatuja tornam-se, então, mais elaboradas e, com frequência a criança descobrirá com satisfação, certas relações entre seu desenho e algo que ela conhece.

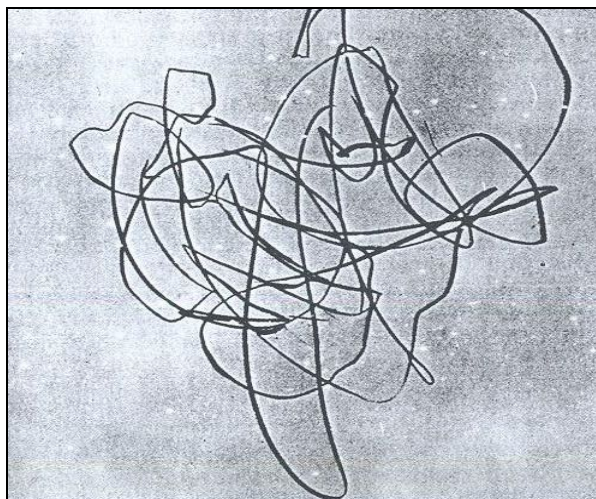


FIGURA 1 – Desenho feito por uma criança de dois anos – garatuja desordenada.

Fonte: LOWENFELD; BRITAIN (1977, p. 118).

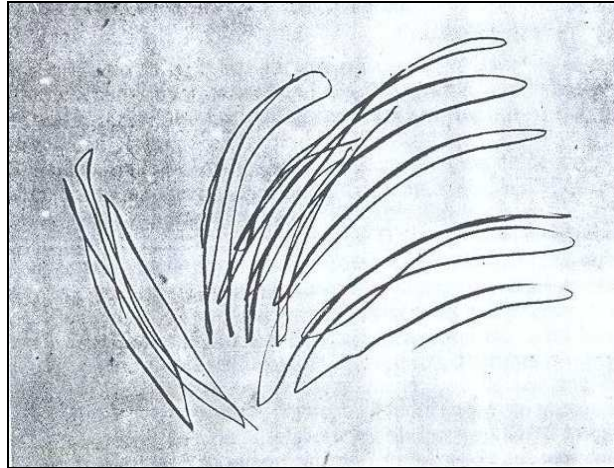


FIGURA 2 – Desenho feito por uma criança de três anos – garatuja controlada.

Fonte: LOWENFELD; BRITAIN (1977, p. 121).

- *Pré-esquemática*: nessa fase a criança realiza suas primeiras tentativas de representação. “Agora, ela cria, conscientemente, modelos que têm alguma relação com o mundo em sua volta” (LOWENFELD;BRITAIN, 1977, p.147)

Inicia-se por volta dos quatro anos de idade e estende-se por volta dos sete anos. Os movimentos circulares e longitudinais convertem-se em formas reconhecíveis, e para o autor, essas tentativas de representação procedem, diretamente, das fases da garatuja. Representa um homem com cabeça e pés, e desenha também objetos do seu meio, com as quais tem contato. Expostas de maneira desordenada no papel, os desenhos variam bastante de tamanho (FIGURA 3) Ainda na fase pré-esquemática podemos perceber que as mudanças do desenho resulta das transformações no pensamento, nos sentimentos e nas percepções da criança. E é a partir deste *processo* que se desenvolvem as alterações no comportamento e nos padrões de desenvolvimento (FIGURA 4).



FIGURA 3 – Desenho feito por uma criança de quatro anos – “Um Homem”. Fonte: LOWENFELD; BRITAIN (1977, p. 150).

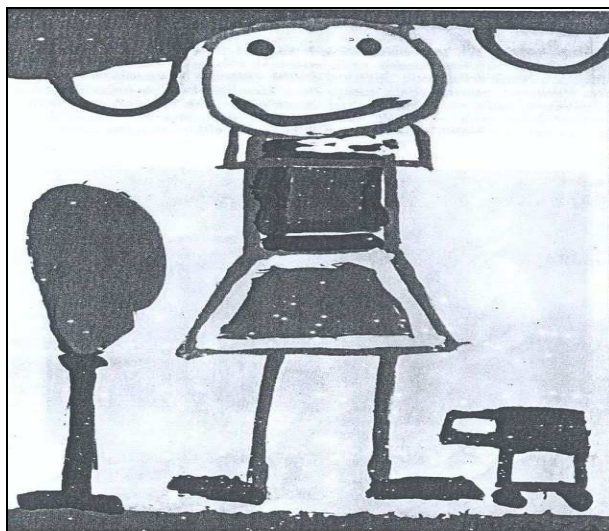


FIGURA 4 – Desenho feito por uma criança de seis anos – “Estou no pátio dos Fundos da Minha casa”. Fonte: LOWENFELD-BRITAIN, 1977, p. 177.

- Esquemática: dos sete até os nove anos a criança desenvolve seu conceito definido de forma. Descrevem a partir do seu desenho partes de seu meio. Para Lowenfeld;Brittain (1977), percebe-se que a criança está estruturando seus processos mentais de tal forma que pode começar a organizar e ver relações em seu ambiente. Utilizam uma linha reta,

na base da folha para dispor os objetos e outros recursos para representar o espaço (FIGURA 5).

Sobre os desenhos esquemáticos no reflexo do desenvolvimento, os autores afirmam que, “uma das indicações da evolução intelectual da criança é a sua compreensão do mundo que a cerca”. Na área do desenvolvimento emocional, os autores dizem que tal sentimento pode ser naturalmente negligenciado numa sala de aula. Lowenfeld;Brittain (1977, p.210) nos apresentam um simples fato que frequentemente acontece em sala de aula. “A criança que machuca um dedo recebe, em geral, a atenção imediata da professora (...). Entretanto, a criança com os sentimentos feridos não tem, habitualmente, a quem recorrer, em busca de ajuda, para curar seus ferimentos”. Deste modo, os autores afirmam que, está mais que comprovado que as emoções e sentimentos podem afetar sua fase de aprendizagem.

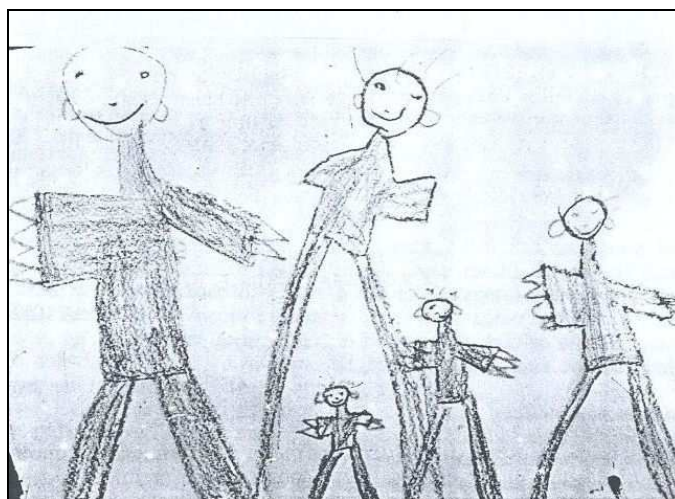


FIGURA 5 – Desenho “*Minha família*” por uma criança de sete anos.

Fonte: LOWENFELD; BRITAIN (1977, p. 184).

- Realismo: dos nove aos dez anos, os desenhos ainda aparentam caráter mais simbólico que representativo. Uma das características notáveis desta fase do desenvolvimento é a descoberta, pela criança, de que é membro da sociedade. Para Lowenfeld;Brittain (1977), nesta fase, as crianças apresentam comportamentos grupais “idade das turmas”, e também se caracteriza pelo crescente progresso da independência social do domínio adulto e busca interação com o meio social. Mais conscientes do mundo e de si próprio, as crianças apresentam desenhos mais elaborados, com detalhes minuciosos. Usam duas linhas de base já procurando dar perspectiva ao desenho e reconhecem a possibilidade

de sobrepor objetos. Desenham em menores dimensões e não demonstram mais interesse em mostrar seus trabalhos e explica-los (FIGURA 6)

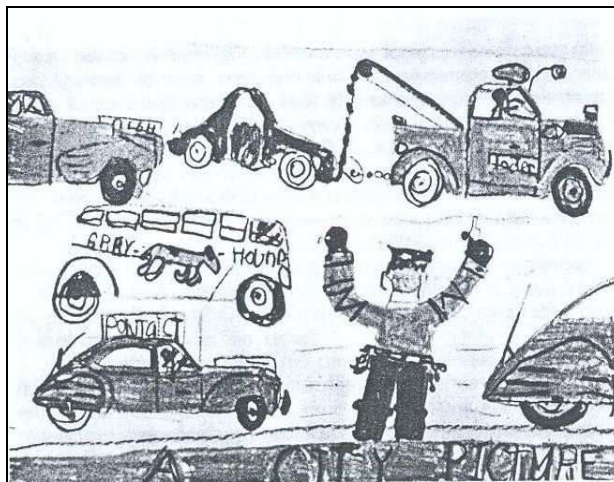


FIGURA 6 – Desenho feito por um estudante de nove anos – “Cena da cidade”. Fonte: LOWENFELD; BRITAIN (1977, p. 251).

- Pseudonaturalismo: entre onze e doze anos, com a consciência em relação ao seu ambiente natural mais ampla, começa a preocupar-se com proporções e profundidades. É o período identificado pelos autores sendo como o do “raciocínio e da autocrítica”, e a criança ou esconde os desenhos ou os apresenta em forma de histórias em quadrinhos. A figura humana passa a apresentar em seus detalhes evidenciadas características de diferenciação sexual. (FIGURA 7)

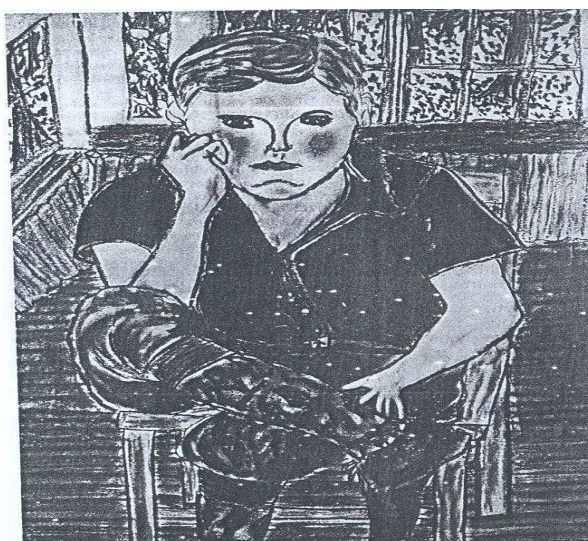


FIGURA 7 – Desenho de um estudante de treze anos. “Pensando”. Fonte: LOWENFELD; BRITAIN (1977, p. 311).

- *Fase da Decisão*: dos quatorze aos dezessete anos alguns jovens apresentam interesses pela arte visual e se desenvolvem. Em certa medida, o desenvolvimento natural do mesmo não se estende além desta fase. (FIGURA 8)

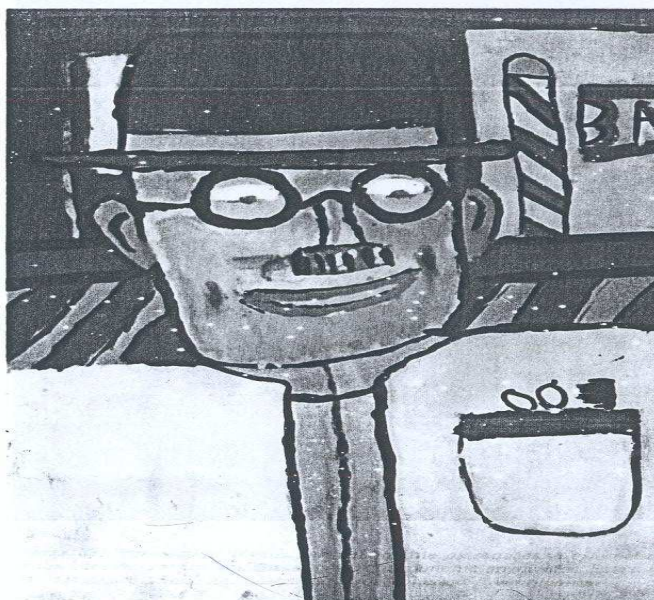


FIGURA 8 – Desenho feito por um estudante do ensino médio. Fonte: LOWENFELD; BRITTAIN (1977, p. 121).

Lowenfeld e Brittain (1977, p.35), afirmam que “cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo”. Condenam os livros ilustrados para colorir, pois são “perniciosos à expressão criadora da criança” (p.68). Os mesmos ainda afirmam que o que a criança desenha mudará de acordo com o meio onde vive. A orientação quanto ao papel do professor deve desempenhar frente as fases é bem definida:

...de maneira bastante surpreendente ainda encontramos, de modo casual, folhas mimeografadas que se entregam para os jovens para colorir (...) do Dia de Ação de Graças, do coelho da Páscoa ou mesmo de uma árvore de Natal. (...) Expor uma aprendizagem artística que inclua tais tipos de atividades é pior que não dar aprendizagem alguma. São atividades pré-solucionadas que obrigam a criança a um comportamento imitativo e inibem sua própria expressão criadora, (...) não estimulam o desenvolvimento emocional, (...) não incentivam as aptidões (...). Pelo contrário, apenas servem para condicionar a criança, levando-a, a aceitar, como

arte, os conceitos adultos, uma arte que é incapaz de produzir sozinha e que, portanto, frustra seus próprios impulsos criadores. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p.69-71)

2.2. O Desenho no processo de ensino-aprendizagem

O desenho é uma das manifestações simbólicas do indivíduo, isto é, uma das formas de atribuição de significação aos objetos e fatos do mundo. Desenvolve-se concomitantemente às outras manifestações, entre as quais o brinquedo e a linguagem verbal (PIAGET; INHELDER, 1973).

Com a percepção da evolução do desenho torna-se possível identificar o processo de desenvolvimento da criança e que lhe permita situar-se no mundo e sentir-se membro dele. Piaget, citado por Pillar (1996), nos diz que o desenho é uma forma de representação que supõe a construção de imagens mentais por parte da criança:

[...] é uma forma de representação que supõe a construção de uma imagem bem distinta da percepção. O que é desenhado não é, então, a reprodução da imagem percebida visualmente, nem a imagem mental que a criança tem do objeto, consiste, sim, na construção gráfica que dá indícios do tipo de estruturação simbólica que a criança tem naquele momento. (PIAGET apud PILLAR, 1996, p.42)

Para a autora, as crianças atribuem diferentes papéis ao desenho, de forma a modificá-lo a qualquer instante. Por esse motivo, é preciso considerar as diversas estratégias criadas por crianças de um mesmo estágio de desenvolvimento gráfico. A criança busca representar sua visão de mundo a partir do desenho e que para isso aconteça toma-se o real para se apoiar.

Para Pillar (1996), ao desenhar, a criança está relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo. Quando se apropria das convenções gráficas do desenho a criança enriquece seu trabalho, dando seguimento ao processo de ensino-aprendizagem. A autora assinala que cabe à escola, entre outras atribuições, proporcionar o desenvolvimento, tanto do aspecto cognitivo quanto socioafetivo e simbólico da criança.

Segundo a autora, as ideias de Vygotsky tanto quanto as de Piaget contribuem para o entendimento entre desenho e ensino. Para ambos, a criança é compreendida como um ser pensante que possui raciocínio e que deduz e abstrai, tal como um ser que se emociona, deseja, sensibiliza-se e imagina. Para Piaget (1978), a criança apresenta uma capacidade de adaptação grande, abrangendo os aspectos físicos, mental e social.

Diante disso, faz-se necessário que a escola disponha de condições para que o desenvolvimento da criança possa acontecer.

O desenho infantil é descrito por Piaget e Inhelder (1988) em três fases: a primeira, no período sensório-motor, é denominada como “o estágio do rabisco”, não apresenta intenção representativa. No período representativo, são distinguidas duas formas: a primeira em que “a criança não desenha o objeto em si, mas a representação que dele se faz. Sua reprodução gráfica não corresponde à percepção” (PIAGET E INHELDER, p.52). Este primeiro estágio é caracterizado como “imagem defeituosa”; no segundo estágio impera a interpretação da realidade, denominada “a imagem intelectual”. “A criança não desenha o objeto como o vê, mas desenha tudo o que sabe dele” (PIAGET E INHELDER, p.53). A terceira fase do desenho ocorre no período operatório e corresponde à “imagem visual”. A criança reproduz a realidade como a vê, os desenhos já podem apresentar noções de perspectiva.

Considerando a importância do desenho na educação e no desenvolvimento da criança, Méredieu (1974), ressalta o papel da escola como instituição capaz de oferecer condições para uma educação voltada para a formação da criança em todos os seus aspectos, incluindo o desenho. Nesta perspectiva deve oferecer um espaço para que a criança desenvolva sua criatividade. O que se percebe é que, na maioria das vezes, a escola busca soluções rápidas, dando-lhes moldes já prontos e o propósito do desenvolvimento “total” da criança deixa a desejar, ou que outros meios façam com que esse desenvolvimento aflore. Ao falar sobre isso, Méredieu nos diz que as,

[...] principais dificuldades com as quais se defrontam os métodos de expressão livre: na amplitude e profundidade do condicionamento ao qual a criança está submetida. A escola realiza tal trabalho, fornecendo à criança modelos e tipos de conduta, erigindo assim a exemplaridade em norma absoluta. (MÈREDIEU, 1974, p.102)

A autora destaca que na escola, o desenho infantil não é valorizado tanto quanto deveria ou passa pelo desconhecimento da importância dessa linguagem, ou simplesmente por priorizar outros aspectos da formação do indivíduo como a científica.

Partindo da mesma intenção Moreira (1993, p.73) enfatiza que:

O problema da perda do ato de desenhar, portanto, é apenas um reflexo de um problema geral de falta de expressão dentro da escola. Nos primeiros anos escolares, o problema parece estar centrado na prioridade dada a alfabetização, porque ocupa todo o tempo. Porém, nos anos seguintes o problema se agrava, e o desenho acaba ficando espremido nas sobras de tempo.

É necessário pensar e compreender o desenho como um caminho para a compreensão do pensamento por meio de signos gráficos. Ao comparar os desenhos efetuados na idade pré-escolar e os desenhos realizados depois da saída da escola pode-se verificar que a escola impõe, muitas vezes, a utilização de um repertório devidamente selecionado nas apostilas e livros didáticos.

2.3 - Desenho e orientações curriculares: nacional e paranaense

Após as discussões realizadas sobre a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem, fica claro que este deve ser inserido em sala de aula. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), se refere a esse aspecto do seguinte modo,

[...] o desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos...Começando com símbolos muito simples, ela passa a articulá-los no espaço bidimensional do papel, na areia, na parede ou em qualquer outra superfície. Passa também a constatar a regularidade nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso, incorporando esse conhecimento em suas próprias produções... No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que vê... É assim que, por meio do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriados pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos (p. 92 e 93).

No documento que define as orientações curriculares para o Estado do Paraná, o ensino das artes visuais deve ser realizado a partir de diferentes tipos de materiais e tipos de suportes. É entendido como suporte papéis de diversas texturas e tamanhos, carteira, chão, paredes, muros e etc., que se constituem como alternativas simples de expressão e manifestação, possibilitando um trabalho criador.

O encaminhamento metodológico compreende três momentos da ação pedagógica conforme as Diretrizes Curriculares Estaduais da Secretaria Estadual de Educação (PARANÁ, 2010, p.38):

1 teorizar: fundamenta e possibilita ao aluno que perceba e aproprie a obra artística, bem como desenvolva um trabalho artístico para formar conceitos artísticos.

2 sentir e perceber: são as formas de apreciação, fruição, leitura e acesso à obra de arte.

3 trabalho artístico: é a prática criativa, o exercício com os elementos que compõe uma obra de arte.

Ao encerrar a revisão da literatura sobre o uso do desenho infantil pode-se verificar vários pontos comuns entre eles como a importância do desenho para o desenvolvimento infantil; a ocorrência de fases no desenvolvimento do próprio desenho infantil; e, por último, a importância de uma mediação adequada da escola para que o desenho infantil e suas fases sejam respeitadas e valorizadas.

3 - METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 - Procedimentos da Pesquisa

Para o desenvolvimento da presente pesquisa optamos por um estudo qualitativo de caráter exploratório. Buscamos desenvolver o que Gonzáles- Rey (2002, p.33) nos diz, “esse tipo de pesquisa nos permite encontrar o lugar ativo do pesquisador e do sujeito pesquisado como produtores de pensamento”. Esse tipo de pesquisa possibilita a constituição de um olhar investigativo e interlocutor desses sujeitos a respeito dos fatos e conhecimentos que estão sendo entrelaçados no processo da pesquisa.

Iniciamos nosso trabalho com a hipótese de que tanto professores quanto acadêmicos do último ano do curso de Pedagogia concebem o desenho infantil como instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares ou entretenimento. Com o sentido de problematizar esta questão nos propusemos a investigar qual a visão dos mesmos acerca do desenho livre em sala de aula.

A pesquisa foi desenvolvida com professores que atuam no primeiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Maringá (PR) e com egressos do último ano do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. A partir do contato com a Secretaria Municipal de Educação, tivemos a autorização para conhecer a instituição “Escola Municipal Maestro Aniceto Matti” e entrevistar os professores de duas salas de aula. A escola foi selecionada por se encontrar em um bairro próximo ao da pesquisadora e os professores foram selecionados por estarem de acordo com os critérios estabelecidos na pesquisa, ou seja, professores do primeiro ano do ensino fundamental. No início de cada entrevista os sujeitos foram solicitados a fornecer dados pessoais e profissionais organizados nos quadros a seguir, bem como assinar o termo de consentimento livre e esclarecido sobre a pesquisa, de acordo com as normas do Comitê de Ética da Universidade.

Quadro 1: Idade, sexo e escolaridade dos professores participantes

<i>Sujeitos</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>
P (A)	34	Feminino	Magistério
P (B)	29	Feminino	Pedagogia
P (C)	41	Feminino	Pedagogia

P (D)	32	Feminino	Pedagogia
P (E)	52	Feminino	Pedagogia
P (F)	39	Feminino	Magistério

Como podemos analisar no primeiro quadro a média de idade entre as professoras entrevistadas é de 40 e entre elas quatro são pedagogas e duas possuem o magistério mas cursam o “Normal Superior” à distância oferecido por uma instituição do município.

Quadro 2: Idade, sexo e escolaridade dos acadêmicos participantes

<i>Sujeitos</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>
ACAD (A)	26	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (B)	22	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (C)	27	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (D)	20	Masculino	Egresso 4º ano
ACAD (E)	23	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (F)	46	Feminino	Magist/Egresso 4º ano
ACAD (G)	23	Feminino	Magist/Egresso 4º ano
ACAD (H)	26	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (I)	26	Masculino	Historiador/Egresso 4º ano
ACAD (J)	32	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (K)	22	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (L)	23	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (M)	31	Feminino	Magist/Egresso 4º ano
ACAD (N)	24	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (O)	26	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (P)	41	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (Q)	23	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (R)	25	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (S)	22	Feminino	Egresso 4º ano
ACAD (T)	27	Feminino	Egresso 4º ano

3.2. Procedimentos para a coleta de dados

Após a autorização da Secretaria Municipal de Educação de Maringá para a realização da pesquisa, fez-se necessário ir até à escola para apresentar a proposta da pesquisa à diretora e à supervisora da instituição. A supervisora apresentou a escola, bem como disponibilizou os horários em que os professores teriam sua hora atividade. Marcamos então três dias (02, 05 e 06 de julho) para que assim pudéssemos conversar com cada professor.

As entrevistas foram realizadas no espaço da própria instituição e em horário de trabalho, o horário de “hora atividade” do entrevistado. Como instrumento de pesquisa elaborou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada contendo seis perguntas, as mesmas para professores e acadêmicos.

3.3. Instrumento de pesquisa: Questionário

- Sexo: Idade: Curso de graduação:
- Instituição onde se formou e ano de conclusão:
- Fale sobre o desenho infantil (*Qual o sentido do desenho na educação infantil?*
Qual o sentido de se utilizar o desenho com as crianças?)
- Faz sentido usar desenho na Educação Infantil? Por quê?
- Quantas vezes por semana o desenho acontece em sua sala de aula? Em que situações?
- Qual referencial teórico você utiliza para embasar seu trabalho a respeito do desenho infantil?
- O que você já leu a respeito do desenho infantil?
- Você lembra de mais algum autor ou tema sobre desenho infantil?
- O que você acha que estaria faltando para você como informação sobre o desenho infantil? Do que você sente falta?

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Sobre professores

Entre as respostas fornecidas pelas professoras ao pedido de explicitação do sentido do desenho infantil na escola (Quadro 3) três delas apresentaram a mesma frequência: “a partir do desenho percebemos sua coordenação motora” (23%), “o desenho faz parte da própria criança, traz satisfação à criança, momentos lúdicos e melhor percepção visual” (23%), e “a partir do desenho a criança expressa suas ideias e sentimentos” (23%).

Quadro 3: Sentido do desenho infantil para as professoras entrevistadas

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – A partir do desenho percebemos sua coordenação motora;	3	23%
2 – O desenho faz parte da realidade da sala de aula;	2	15%
3 – O desenho faz parte da própria criança, traz satisfação à criança, momentos lúdicos e melhor percepção visual;	3	23%
4 – A partir do desenho a criança expressa suas ideias e sentimentos;	3	23%
5 – No desenho a criança mostra suas formas, traços e garatujas;	1	8%
6 – No desenho a criança encontra uma forma de agir sobre o mundo e comunicar-se com ele.	1	8%
TOTAL	13	100%

As falas dos professores entrevistados vão ao encontro dos escritos de Montessori (apud ANDRADE, 2005) que destaca o desenho como uma atividade orientada para a educação sensorial, “a preparação da mão”. Para a autora, “o desenho trata-se, antes, de uma espécie de escrita feita de imagens”, enquanto a criança não pode ainda exprimir as ideias e os sentimentos ou se formam nela sobre o meio e sobre as coisas que as impressionam.

É importante comentar a relevância da ocorrência de momentos lúdicos na escola conforme o que diz Andrade (2005, p.54) “a escola deve constituir-se como fonte

para o espaço artístico e cultural, contribuindo para que o lúdico também faça parte da educação da infância, promovendo o desabrochar das manifestações infantis”.

Sobre a expressão de ideias e sentimentos a partir do desenho, Moreira (1984, p. 24) reforça as falas das professoras destacando que “o que se pode perceber é que no ato de desenhar, pensamento e sentimentos estão juntos”. A mesma autora lembra (1993 p. 15) a fala de uma criança: “desenhar é bom para tirar as idéias da cabeça. Porque sempre que a gente tem uma idéia, a gente quer ter ela, brincar com ela, aí a gente desenha ela”.

Lowenfeld; Brittain (1977, p.147) também defendem que a educação deve proporcionar os meios para que a criança desenvolva sua capacidade de criar e que esse desenvolvimento possibilite novos conhecimentos. Deste modo, a criança tem a oportunidade de expandir seus sentimentos, suas ações, estruturando seu pensamento. O autor ainda afirma que, quando a criança rabisca a mesma fica envolvida em uma atividade “cinestésica”, sendo assim lhe proporcionando “profundo sentimento de satisfação”.

As outras respostas a essa mesma questão: “No desenho a criança mostra suas formas, traços e garatujas” (8%) e “No desenho a criança encontra uma forma de agir sobre o mundo e comunicar-se com ele” (8%). As repostas vão ao encontro dos estudos de Lowenfeld; Brittain (1977, p.131) para quem as garatujas são o princípio da “expressão criativa”. Neste sentido, torna-se importante atribuir à criança independência e responsabilidade em seu próprio trabalho de garatujar, assim a mesma terá uma postura diferenciada sobre as coisas que a rodeia, ou seja, seu próprio meio.

Quadro 4: O sentido do desenho em sala de aula

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – A partir do desenho a criança representa suas ideias e sentimentos e assim se expressa com maior naturalidade;	5	46%
2 – O desenho em sala de aula torna-se um objeto de avaliação para o professor, pois a partir dele pode-se perceber os aspectos da personalidade, emocionais,	3	27%

consciência crítica e de aprendizagem;		
3 – O desenho em sala de aula faz parte dos momentos lúdicos e de brincadeiras;	1	9%
4 – A partir dos desenhos é que as crianças realizam suas tentativas de escrita.	2	18%
TOTAL	11	100%

À questão “qual o sentido do desenho em sala de aula” (Quadro 4) encontramos como resposta de maior incidência, 47%: “a partir do desenho a criança representa suas ideias e sentimentos e assim se expressa com maior naturalidade”. Podemos notar que essa mesma resposta também aparece no primeiro quadro (Quadro 3) nos mostrando que os professores estão atentos à expressividade dos sentimentos e ideias das crianças em seus desenhos. Também nesta direção, vale ressaltar o que nos diz Salvador (1988, p.37),

Através da criação gráfica o sujeito exprime os seus sentimentos. Mas há algo mais, dá uma resposta que lhe permite dominar uma situação difícil e não ficar submetido a ela. Serve-lhe para criar situações e, a partir daí, ao elaborá-los, aprende a dominá-las. Ao reproduzir uma situação importante, de conflito, poderá vencer progressivamente a angústia e a ansiedade que lhe são próprios, procurando soluções até encontrar a mais adequada.

Ou quando Di Leo (1985, p. 202) nos fala que,

As crianças nos falam, em sua linguagem pictórica, como se sentem acerca de si mesmas e das influências determinantes em suas vidas: como necessitam de seus pais. Elas também comunicam que precisam de seus irmãos; que irmãos e irmãs devem permanecer juntos.

A segunda resposta com maior frequência, 27%, diz que “O desenho em sala de aula torna-se um objeto de avaliação para o professor, pois a partir dele pode-se perceber os aspectos da personalidade, emocionais, consciência crítica e de aprendizagem”. Sobre isso Lowenfeld;Brittain (1977, p. 159) nos falam que o desenho representa muito mais que um exercício agradável no período infantil de nossa vida. Esse momento é para os autores o meio pela qual a criança desenvolve relações

espaciais e temporais e concretiza alguns de seus pensamentos “vagos” e importantes para ela: “*Desenhar torna-se uma experiência de aprendizagem*”. (grifo nosso).

A importância do desenho para o registro da primeira escrita da criança foi lembrada por (18%) das professoras é também assinalado por estudos de Moreira quando nos diz que:

Porque o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala e para poder registrar a sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever a criança se serve do desenho. (MOREIRA, 1984, p.20)

Nesta segunda questão novamente encontramos uma resposta que reproduz o assinalado pelos professores na primeira questão quando nos é dito que o desenho faz parte dos momentos de ludicidade e das brincadeiras. Na primeira questão esta resposta obteve 23% (Quadro3) enquanto na segunda (Quadro 4) fez 9% das respostas dos professores.

Quadro 5: Frequência do desenho em sala de aula

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – O desenho acontece somente quando é apresentado no planejamento, ou seja, há uma data prevista para que o mesmo aconteça;	3	21%
2 – O desenho é utilizado para fazer os registros de atividades propostas;	5	37%
3 - O desenho é utilizado em “momentos” livres;	1	7%
4 – Utilizo-me de desenhos impressos para que assim as crianças o pintem;	3	21%
5 – O desenho está presente na sala de aula todos os dias.	2	14%
TOTAL	14	100%

O quinto quadro nos apresenta as respostas sobre a frequência do uso do desenho em sala de aula. Entre as respostas fornecidas pelas professoras é possível visualizar que

37% assinalaram que “o desenho é utilizado para fazer os registros de atividades propostas” obteve a maioria (Quadro 4). Esse valor expressivo corresponde às considerações de Lowenfeld; Brittain (1977, p. 213), quando nos diz que os trabalhos produzidos pelas crianças devem ser considerados registros de seu desenvolvimento e não algo a corrigir ou pedir para que refaça.

Duas outras respostas obtiveram a mesma frequência, 21%: “O desenho acontece somente quando é apresentado no planejamento, ou seja, há uma data prevista para que o mesmo aconteça” e “Utilizo-me de desenhos impressos para que assim as crianças o pintem” (Quadro 4). Essas considerações nos fazem retomar Luquet (1969), quando afirma:

[...] julgo que, no que diz respeito ao desenho, o que terá de melhor a fazer o educador é apegar-se, deixar a criança desenhar o que quer, propondo-lhe sempre que ela necessita, sobretudo quando lhe pede, mas sem lhos impor e, sobretudo deixa-la desenhar como quer, a seu modo. (LUQUET, 1969, p. 230)

Também Pillar (1996, p. 35) nos fala que ao propor o desenho para as crianças, deve-se entender por desenho o trabalho gráfico da própria criança, que não é resultado de uma cópia, mas da construção e da interpretação do objeto pelo sujeito.

Ou quando Lowenfeld; Brittain (1977) nos dizem que:

[...] de maneira bastante surpreendente ainda encontramos, de modo casual, folhas mimeografadas que se entregam aos jovens para colorir [...] do Dia de Ação de Graças, do coelho da Páscoa ou mesmo de uma árvore de Natal. [...] Expor uma aprendizagem artística que inclua tais tipos de atividades é pior que não dar aprendizagem alguma. São atividades pré-solucionadas que obrigam a criança a um comportamento imitativo e inibem sua própria expressão criadora, [...], não estimulam o desenvolvimento emocional, [...] não incentivam as aptidões [...]. Pelo contrário, apenas servem para condicionar a criança, levando-a, a aceitar, como arte, os conceitos dos adultos, uma arte que é incapaz de produzir sozinha e que, portanto frustra seus próprios impulsos criadores”. (LOWENFELD; BRITAIN, 1977, p. 69-71)

Sobre o “colorir” os desenhos prontos Lowenfeld; Brittain afirmam que:

Uma criança, depois de condicionada à coloração de figuras terá dificuldades em desfrutar da independência de criar. A

sujeição que esses cadernos produzem é arrasadora. A experimentação e a pesquisa têm provado que mais da metade das crianças expostas aos cadernos de colorir, perdeu sua criatividade e sua autonomia de expressão tornaram-se rígidas e dependentes de modelos (1977, p.24).

Somente uma resposta “O desenho é utilizado em “momentos” livres” (7%) obteve menor frequência (Quadro 4). Resta-nos compreender se esses momentos livres implicam desenhos também livres e valorizados pelo professor ou se apresentam apenas como forma de “passar o tempo” a espera de outras atividades escolares.

Quadro 6: Referencial teórico utilizado para o uso do desenho infantil

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – Utilizo-me de artigos da internet;	1	14%
2 – Cursos de capacitação para professores;	2	29%
3 – Busco leitura em livros sobre o assunto;	1	14%
4 – O referencial que procuro consiste no próprio desenho da criança;	1	14%
5 – Não responderam.	2	29%
TOTAL	7	100%

Esta questão teve como objetivo conhecer quais são os referenciais utilizados por professores acerca do desenho infantil. Encontramos o maior porcentual na resposta “Cursos de capacitação para professores” (29%). Lembramos que como a pesquisa foi realizada em uma instituição municipal todo o ano a prefeitura do município oferece aos professores cursos de capacitação que, segundo as professoras entrevistadas, contemplou o tema de nossa pesquisa.

Outras duas respostas “utilizo-me de artigos da internet” (14%) e “busco leitura em livros sobre o assunto” (14%) demonstram por parte de algumas professoras o interesse pelo conhecimento acerca do desenho da criança. Outra resposta “o referencial que procuro consiste no próprio desenho da criança” (14%) sugere a não utilização de algum enfoque teórico para compreender o desenho infantil. Compreendemos, ao longo do trabalho, a importância do desenho infantil, importância essa que alcança vários aspectos. Podemos aqui citar Lowenfeld; Brittain (1977) que ressalta a importância do

desenho para o desenvolvimento da criança, seja como veículo de autoexpressão ou como de desenvolvimento da capacidade criativa e da representativa. Ou Pillar (1996, p. 51) ao afirmar que “... ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo”. Também Moreira (1993), que analisa as implicações relativas à escolarização, salienta a necessidade do respeito ao desenho infantil não apenas pelo espaço de liberdade de expressão que constitui, como também pela sua condição de linguagem.

Quadro 7: O que os professores leram até o momento sobre desenho infantil

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – Utilizo-me dos escritos de Vygotsky;	2	24%
2 – Utilizo-me dos escritos de Piaget, principalmente quando o autor diz respeito sobre as fases de desenvolvimento da criança;	2	25%
3 – Utilizo-me dos escritos de Luquet;	1	13%
4 – Li sobre as fases das garatujas de Lowenfeld;	1	13%
5 – Não responderam.	2	25%
TOTAL	8	100%

Na mesma direção do quadro anterior que buscava conhecer os referenciais teóricos que as professoras utilizam para trabalhar com o desenho da criança, a quinta questão pretende conhecer o que leram sobre o assunto. Duas repostas apresentaram as maiores frequências 24% e 25%. A primeira “utilizo-me dos escritos de Vygotsky” (24%) parece enfatizar as ideias de Vygotsky sobre o desenho. A outra resposta com a mesma frequência diz “Utilizo-me dos escritos de Piaget, principalmente quando o autor diz respeito sobre as fases de desenvolvimento da criança” (25%). Em ambas as repostas são citados dois importantes autores que reconhecem o desenho como manifestação do processo de simbolização da criança, embora não possamos afirmar a que aspectos de suas teorias as professoras se referem.

Sobre os escritos de Luquet que umas das respostas faz menção: “utilizo-me dos escritos de Luquet” (13%). Outra resposta com a mesma incidência (13%) diz respeito à Lowenfeld e às fases do desenho de garatuja. Mais uma vez as professoras se referem a outros dois autores fundamentais para o entendimento do desenho infantil. Ambos demonstram o processo evolutivo do desenho infantil. Esse conjunto de respostas,

contudo, apesar de sua relevância parece contraditório ao conjunto anterior que diz que não estudaram. Tais contradições aumentam nossas preocupações com a formação e qualificação dos professores em relação ao desenho infantil. As respostas contraditórias podem estar denunciando pouco envolvimento e conhecimento satisfatório dos professores sobre o tema.

Quadro 8: O que falta aos professores para um melhor entendimento acerca do desenho infantil

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – Sinto falta de livros que falem a respeito do assunto;	1	11%
2 – Poderiam ofertar mais cursos e técnicas para o professor acerca do desenho da criança;	2	22%
3 – Sinto falta de tempo para me dedicar aos estudos sobre o desenho;	3	34%
4 – Acredito que cursos e capacitação não são necessários para trabalhar com o desenho da criança;	2	22%
5 – Não responderam.	1	11%
TOTAL	9	100%

Neste último quadro (Quadro 7) as professoras entrevistadas puderam expressar o que na opinião delas ainda faltam para complementar o conhecimento acerca do desenho infantil e como reconhecer no mesmo o desenvolvimento das crianças.

A frequência mais expressiva das respostas ficou em torno de 34% e manifesta a falta de “tempo” disponível para se dedicar aos estudos sobre desenho. Fazendo conjunto com as respostas quatro (Quadro 5) e cinco (Quadro 6) que manifestavam um conhecimento sofrível dos professores sobre o desenho infantil e seu desenvolvimento estas respostas (Quadro 7) de certo modo explicam e justificam as duas primeiras. Em outras palavras é como se os professores explicassem que seu conhecimento acerca do desenho infantil é reduzido em razão de sua falta de tempo. Poderíamos questionar então: estudar para melhor compreender o desenho infantil tem menos valor que estudar matemática ou alfabetização?

Outras duas respostas: “Poderiam ofertar mais cursos e técnicas para o professor acerca do desenho da criança” (22%) e “Acredito que cursos e capacitação não são

necessários para trabalhar com o desenho da criança” (22%), acreditam que cursos e técnicas poderiam complementar seus conhecimentos. Novamente aparece aqui uma espécie de círculo vicioso em que professores pedem mais qualificação, ao mesmo tempo dizem não ter tempo para estudar e assim por diante. Podemos supor que talvez esses três últimos conjuntos de respostas (questões 4, 5 e 6) evidenciem a desvalorização do desenho infantil como um conteúdo escolar tão importante como os demais. Sendo que, como vimos durante todo o corpo do texto, há uma série de argumentação explicitando a importância do desenho livre em sala de aula.

Sobre Acadêmicos

Neste tópico serão apresentados os resultados obtidos com os acadêmicos do curso de Pedagogia. Os dados revelam que a falta do conhecimento sobre o assunto é um dos maiores problemas em trabalhar o desenho livre.

Quadro 9: Sentido do desenho infantil para os acadêmicos de Pedagogia

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – O desenho faz parte da essência da própria criança;	1	4%
2 – O desenho infantil auxilia vários aspectos do desenvolvimento, tais como: motor, cognitivo, afetivo, criativo e oral;	14	54%
3 – O desenho é considerado como a primeira escrita da criança;	5	19%
4 – O desenho serve como um recurso avaliativo sobre o processo de ensino-aprendizagem;	4	15%
5 – Por meio do desenho as crianças constroem significados.	2	8%
TOTAL	26	100%

Entre as respostas fornecidas pelos acadêmicos de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, a frequência mais expressiva que pudemos notar é de que: “o desenho infantil auxilia vários aspectos do desenvolvimento, tais como: motor, cognitivo, afetivo, criativo e oral” (54%). Para discutir sobre essa temática Andrade (2005), apoiada nos escritos de Derdyk (1994), nos diz que:

O desenho constitui para a criança uma atividade total, englobando o conjunto de suas potencialidades e de suas necessidades. Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir. O desenvolvimento do potencial criativo na criança, seja qual for o tipo de atividade em que ela se expresse, é essencial ao seu ciclo inato de crescimento. Similarmente, as condições para o seu pleno crescimento (emocional, psíquico, físico, cognitivo). (ANDRADE 2005, p. 44 apud DERDYK, 1994, p. 52).

Quando se fala que: “o desenho faz parte da essência da própria criança” (4%), podemos ver em Lowenfeld; Brittain (1977) que:

Embora pensemos, geralmente, que a arte começa com o primeiro rabisco que a criança faz, num pedaço de papel, na realidade, principia muito mais cedo, quando os sentidos estabelecem o primeiro contato com o ambiente, e a criança reage a essas experiências sensoriais. Tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar, enfim, qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é, de fato, a base essencial para a produção de formas artísticas, quer se trate de nível infantil ou de artista profissional. (LOWENFELD-BRITAIN, 1977, p.115)

Sobre o aspecto cognitivo, vale ressaltar o que nos diz Pillar (1996, p.21),

O desenho enquanto imagem gráfica, vincula-se mais aos aspectos figurativos da cognição, porque busca uma correspondência entre o objeto real e a imagem mental que o sujeito tem do objeto.

Quadro 10: Quantas vezes por semana é necessário utilizar o desenho em sala de aula

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – O desenho deve acontecer de forma esporádica;	1	5%
2 – O desenho muitas vezes é utilizado como registro de atividades e por isso sempre o utilizo;	6	30%
3 – Não responderam	13	65%
TOTAL	20	100%

Neste décimo quadro podemos perceber que grande maioria dos entrevistados (65%) não responderam sobre essa questão. A justificativa para isso é que os mesmos não atuam na área e mesmo se atuassem não saberiam responder.

Quadro 11: Qual o embasamento teórico que você utilizaria para trabalhar o desenho

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – Trabalharia sob a perspectiva de Piaget (construtivismo);	2	10%
2 – Trabalharia sob a perspectiva da Vygotsky e Luria (histórico-cultural);	6	30%
3 – Não estudamos nada sobre o assunto na graduação;	8	40%
4 – Não responderam	4	20%
TOTAL	20	100%

Neste quadro, os acadêmicos, disseram que, em sua grande maioria (40%), não estudaram ou tomaram conhecimento sobre o assunto. Outros (30%) trabalhariam sob a perspectiva da pedagogia histórico-cultural de Vygotsky e Luria². E por último (10%) seriam embasados pelos escritos de Piaget.

Quadro 12: O que você já leu a respeito do desenho infantil

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – Lemos algo na perspectiva da pedagogia histórico-cultural quando fala-se da pré-história da escrita;	6	30%
2 – Li algo sobre o desenho dentro da atuação do pedagogo hospitalar;	2	10%
3 – Não responderam	12	60%
TOTAL	20	100%

No quadro de número doze, os acadêmicos que resultam (30%) novamente mencionam as obras de Vygotsky (1991) e Luria (1988), quando se referem à leitura das obras em sala de aula. Outros (10%) citam sobre o desenho desenvolvido em atividades relacionadas à prática da pedagogia hospitalar e outras (60%) não responderam a essa questão.

² Dentre outras obras estudadas no currículo de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá constam as obras de Vygotsky, em “A pré-história da linguagem escrita” em a Formação Social da Mente (1991) e a obra de LURIA, A.R. “O desenvolvimento da escrita na criança” de 1988, que mencionam a questão do desenho para o desenvolvimento da linguagem e da escrita.

Quadro 13: O que falta de informação sobre o desenho infantil

Respostas	Absoluto	Relativo
1 – Sinto falta de literatura sobre esse assunto;	3	15%
2 – Sinto falta da apresentação desse assunto na academia;	6	30%
3 – Até o presente momento não havia pensado na importância do desenho infantil para o desenvolvimento da criança;	9	45%
4 – Não responderam.	2	10%
TOTAL	20	100%

Neste último quadro apresentamos os resultados das frequências obtidas quando foi perguntado aos acadêmicos sobre: “O que falta de informação sobre o desenho infantil”.

Dentro das respostas coletadas (45%) dos entrevistados responderam que, até o presente momento da pesquisa, não haviam pensado sobre a importância do desenho em sala de aula. Outros (30%), disseram que o assunto poderia ser explorado em sala de aula, uma vez que o mesmo em nenhum momento fora apresentado com a devida importância. Outros (15%), disseram sentir falta de literatura sobre o assunto e outros (10%) não responderam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa podemos constatar que a hipótese do trabalho foi confirmada, pois professores e acadêmicos responderam que apesar de aplicarem o desenho livre em sala de aula, os mesmos muitas vezes não aplicam conscientemente uma proposta pedagógica para o uso do desenho. Deixando o desenho livre como uma atividade para um momento de recreação ou até mesmo um “passatempo”.

Os dados mostram que tanto os professores já atuantes como os acadêmicos do último ano de pedagogia não tem certeza sobre a importância do desenho livre. Isso é preocupante pois como os estudos abordados no decorrer do texto vários autores que acreditamos ser importante para o estudo da temática abordam o desenho como uma das partes do desenvolvimento da criança, auxiliando assim o ensino-aprendizagem, até mesmo a escrita e um auto conhecimento de suas emoções e sentimentos.

O ser humano sempre desenhou. Ao longo da nossa história como seres humanos, podemos observar registros gráficos como indícios da necessidade do homem de revelar sua presença e se comunicar, sem necessariamente ter consciência de que ao desenhar deixa marcas para a posteridade.

Homens e mulheres possuem muitas capacidades, dentre elas a de simbolizar, a de conhecer e a de representar. O potencial criativo, presente desde a infância, também se mostra a partir do desenho. A criança fará uso das linhas e, na medida em que cresce, seu repertório gráfico também aumentará, como fruto da interação entre mão, corpo, gesto e instrumentos, assim nascem os desenhos.

A criança apresenta uma atitude prazerosa em seus rabiscos, sem perceber que mais adiante os gestos espontâneos ganharão espaço mental em sua consciência. Desta liberdade de expressão nascem várias possibilidades de “poder fazer”, de interagir como o mundo e construir o seu repertório de ideias.

Em razão dos resultados da pesquisa e das considerações feitas acreditamos que Desenho Infantil deve se constituir em conteúdo valorizado na formação inicial e continuada dos professores. É importante que esses profissionais conheçam a base teórica que sustenta o uso do desenho no Ensino Fundamental para deixe de ser percebido como perda de tempo ou mero instrumento para a aprendizagem de outros conteúdos escolares

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. C. de. **O desenho como expressão no aprendizado infantil: Caminhos e possibilidades**. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL. 2005. Disponível em: www.bdttd.gov.br (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, E. **Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

DI LEO, J. H. **A interpretação do desenho infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 218 p.

GUIMARÃES, L. M. de B. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – Educação. **Entre a arte e a técnica: reflexões sobre o desenho e seu ensino**. Piauí, 1995. Mestrado em Educação.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Civilização, 1969.

LURIA, A. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VYGOTSKY, L.S., LURIA, A., LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: EDUSP, 1988.

MÉREDIEU, F. **O desenho infantil**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador** —. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1993. Coleção Espaço.

OLINTO, A. **Minidicionário Antonio Olinto da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

OLIVEIRA, V. B. de. **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 18ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental de Nove Anos**. Curitiba; 2010.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 3ª ed. Trad. de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Difel, 2007/1973.

PIAGET, J.; INHELDER, B. Psicologia da primeira infância – desenvolvimento psíquico desde o nascimento até os sete anos. In: KATZ, D; PIAGET, J.; INHELDER, B.; BIREMAN JR, A. **Psicologia das idades** . Editora Manoel, 1988. p. 50-53.

PIAGET J. **A formação do símbolo na criança**. 3 ed. Tradução Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1978.

PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SALVADOR, Ana. **Conhecer a criança através do desenho**. Porto: Porto, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXOS

ANEXO – A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Título do Projeto: A Importância do Desenho Infantil no Desenvolvimento da Criança

Caro Professor e Egresso do curso de pedagogia,

A representação gráfica de pensamentos e sentimentos por meio dos desenhos é uma das formas mais antigas da comunicação do ser humano. O homem primitivo deixava sua marca em desenhos nas cavernas, tentando assim, registrar a sua história, os acontecimentos de seu povo, para os seus descendentes. Da mesma forma, no decorrer do desenvolvimento infantil, encontramos o desenho como uma das primeiras formas de expressão, antes mesmo de a criança dominar a leitura e a escrita. O objetivo deste projeto é investigar o que pensam os profissionais da educação a respeito do desenho infantil, e como o desenho pode auxiliar na compreensão do desenvolvimento da criança. Aos participantes da pesquisa é aberta a possibilidade de esclarecimento sobre sua metodologia antes e durante sua realização. A pesquisa não oferecerá riscos ou desconfortos aos entrevistados que terão plena liberdade de recusar ou retirar seu consentimento durante a pesquisa sem nenhum tipo de penalização. Esclarecemos que sua participação não implicará em qualquer forma de ressarcimento ou indenização. Os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos e publicações científicas mantendo-se os nomes em absoluto sigilo. Por meio desta divulgação espera-se contribuir para um melhor entendimento e melhoria do sistema educacional público.

Eu, _____, professor (a) da escola _____ após ter lido e entendido as informações e esclarecido todas as minhas dúvidas referentes a este estudo com a Profª. Drª. Geiva Carolina Calsa, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE, em participar desta pesquisa.

_____ Data: ____/____/_____
Assinatura do professor

Eu, Profª. Drª. Geiva Carolina Calsa, declaro que forneci todas as informações referentes ao estudo do professor.

Equipe do projeto de pesquisa

- 1- Nome: Geiva Carolina Calsa
Endereço: Rua Montevideu, 206, Maringá 3261-4127
- 2 – Nome: Fernanda Poncetti do Nascimento
Endereço: Rua Itaipu, 1035, Maringá 8439-2546

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos o professor e egressos, poderão recorrer a qualquer um dos membros da equipe do projeto (44-3261-4127) ou ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá – Bloco 035 – Câmpus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

ANEXO – B

AUTORIZAÇÃO

A Direção da Escola Municipal “Maestro Aniceto Matti”- Maringá/PR

Solicitamos a essa instituição permissão para a realização do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá intitulado “A importância do desenho no desenvolvimento da criança” desenvolvido pela aluna FERNANDA PONCETTI DO NASCIMENTO. Para tanto, será realizada coleta de desenhos livres de crianças entre 5 e 6 anos de idade, bem como entrevistas com professores das turmas destas faixas etárias. Ambas as atividades serão realizadas em horário escolar na instituição. Os dados obtidos serão utilizados neste trabalho conforme as normas do Comitê de Ética de nossa Universidade.

Antecipadamente, agradecemos a atenção e colaboração.

Maringá, 21 de maio de 2010.

Profª Drª Geiva Carolina Calsa
Orientadora responsável

Assinatura da Direção (carimbo)